
As Recatadas: as mulheres enquanto pauta e protagonistas no rádio¹

Sofia Dietmann²
Leslie Sedrez Chaves³

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre a presença feminina no rádio. A temática será debatida a partir do ponto de vista da experiência vivida durante a execução do programa radiofônico *As Recatadas*. O programa, criado na disciplina de Laboratório de Áudio e Radiojornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, busca discutir questões de gênero em diversos âmbitos da vida em sociedade como trabalho, saúde, igualdade socioeconômica, política e ainda especificamente no campo do jornalismo. Como se trata de um programa de radiojornalismo, além dos pontos que são tema de *As Recatadas*, este trabalho procura se deter com mais atenção no papel das mulheres no rádio na atualidade.

Rádio; Jornalismo; Mulheres no rádio; Igualdade de gênero; Feminismo.

Introdução

A discussão sobre gênero e igualdade tem uma importante trajetória já construída. No Brasil, ela teve início em meados dos anos 1980, com a ampliação dos pensamentos do movimento feminista no país. As pautas defendidas pelo movimento envolviam, entre outras questões, as divergências sociais entre homens e mulheres, a violência contra a mulher, a sexualidade feminina, a presença das mulheres no mercado de trabalho e as discrepâncias no acesso às oportunidades. Quase quarenta anos após o princípio do feminismo em território brasileiro, o país ainda é estruturado com base na cultura do machismo, mantendo vivas muitas assimetrias sociais entre gêneros.

São inegáveis as desigualdades entre mulheres e homens, a exemplo no mercado de trabalho que ainda hoje apresenta salários diferenciados conforme o gênero, e as teóricas feministas trataram de desvendar esse processo desigual e denunciar através de suas reivindicações que as condições de vida e trabalho das mulheres são inferiores às dos homens (COSTA; SILVEIRA; MADEIRA, 2012, p. 228).

¹Trabalho apresentado na IJ04 Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Jornalismo da UFSC, e-mail: sofia dietmann@gmail.com

³Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo UFSC, e-mail: leslieschaves@gmail.com

No universo do jornalismo e nos meios comunicacionais, esta realidade não é diferente. A desigualdade salarial, de oportunidades e de postos de trabalho ainda se faz presente nos veículos jornalísticos, incluindo o meio radiofônico, foco do presente artigo.

O rádio ainda cumpre um papel fundamental na vida social, permitindo que a informação circule de maneira instantânea e democrática, levando fatos importantes até grupos isolados, onde a comunicação é dificultada por barreiras tecnológicas, econômicas ou geográficas. Segundo a jornalista e pesquisadora Valci Zuculoto, o rádio é, com o auxílio da internet, um dos mais rápidos difusores de informação.

[...] em nível de potencial, até agora, não se tirou do rádio a característica de ser, entre os meios de comunicação tradicionais, o mais popular e o mais abrangente em termos de possibilidade de alcançar maior público (ZUCULOTO, 2012, p.151).

Dada a sua importância, pretende-se neste artigo discorrer sobre como se caracteriza a presença feminina em um meio comunicacional de tamanha relevância. Para tanto, buscando compreender o papel das mulheres nas rádios na atualidade, tal caracterização será realizada a partir da experiência vivida durante a execução do programa radiofônico As Recatadas, criado para a disciplina de Laboratório de Áudio e Radiojornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina e veiculado no projeto de extensão Rádio Ponto UFSC, no segundo semestre de 2017.

2. As mulheres na origem do rádio e na Era de Ouro radiofônica

Demarca-se como data do surgimento do rádio no Brasil o dia 7 de setembro de 1922, quando foi transmitida pela primeira vez a fala do presidente vigente, Epitácio Pessoa, em comemoração ao centenário da independência do país. A história do rádio brasileiro é caracterizada por sua divisão em diversos momentos de maior e menor destaque, chamando atenção para seu período de maior amplitude, hoje chamado de Era de Ouro do Rádio, que teve início na década de 1940, e que foi fortemente influenciada pelo contexto social vivido pelo país naquele momento.

A implantação, a expansão e a consolidação do rádio no Brasil fazem parte, sim, da nossa formação histórica social, econômica, política e cultural. O Brasil, assim como os demais países da América Latina,

começava a viver, naquele período, a fase de ingresso na modernidade industrializada, do êxodo rural, da constituição das massas urbanas e da luta pela afirmação como nação (ZUCULOTO, 2012, p.40).

A Era do Ouro do Rádio, contudo, não trouxe consigo nenhuma mudança quanto à expressividade da participação feminina neste meio. Ao contrário, deste período até meados dos anos 1970, a presença feminina nas rádios brasileiras era reflexo da sua posição na sociedade: as mulheres que trabalhavam nas rádios tinham seu espaço limitado aos assuntos considerados de domínio feminino, como cuidados domésticos e com a aparência. Outro mote que permitia a presença feminina era a música e as radionovelas, onde a mulher também podia cumprir o papel de servir e cuidar do homem e da família. A seguir, no trecho da canção “Cantoras do Rádio”, eternizada no rádio brasileiro na voz de Carmen Miranda (MIRANDA; MIRANDA, 1936), é possível verificar o papel social atribuído à mulher na época:

Nós somos as cantoras do rádio, levamos a vida a cantar
De noite embalamos teu sono,
de manhã nós vamos te acordar (...)
Vou semeando cantigas, dando alegria a quem chora
Canto, pois sei que a canção
vai dissipar a tristeza que mora no teu coração (MIRANDA;
MIRANDA, 1936, por BABO; BARRO; RIBEIRO).

Conforme Veloso (2008, p.1), a fama das “cantoras do rádio”, entre as quais se destacavam “Carmen Miranda, Silvinha Mello, Dalva de Oliveira, Araci de Almeida, Hebe Camargo, Emilinha Borba e as clássicas Bidu Saião e Cristina Maristany”; era contrária, em termos quantitativos, à participação feminina em cargos considerados de maior relevância para o andamento do programa, como operador de som, locutor e cargos de chefia.

3. A revolução de Viva Maria

A realidade enfrentada pelas mulheres radialistas na Era de Ouro do Rádio foi se transformando ao longo das décadas. Um dos marcos dessas mudanças foi o programa Viva Maria, veiculado na rádio Nacional AM de Brasília. O programa, que teve sua primeira edição transmitida em 14 de setembro de 1981, defendia a cidadania das mulheres brasileiras, através da mobilização das ouvintes contra a violência doméstica e

em prol da qualidade da assistência à saúde sexual e a vida reprodutiva das mulheres (SILVA, 2015, p.8).

O programa foi criado no período em que o país iniciava um processo de abertura política que resultaria, posteriormente, no fim da ditadura militar instaurada no Brasil em 1964. Segundo a pesquisadora Ellis Regina Araújo da Silva, o programa foi idealizado pela radialista Mara Régia di Perna, a convite do então gerente da Rádio Nacional, Eduardo Fajardo. Mara contava com o apoio da produtora Antonieta Negrão “e durante seu período de maior prestígio, chegou a ser transmitido de segunda a sábado, das dez horas da manhã ao meio dia” (SILVA, 2015, p.8).

O programa Viva Maria surgiu inspirado nos programas ingleses voltados à cidadania das mulheres, com os quais Mara Régia teve contato após morar durante um ano na Inglaterra, de 1976 a 1977. Viva Maria assumiu a responsabilidade de discutir assuntos da vida privada em um espaço público. Esta é uma característica marcadamente influenciada pelo feminismo na medida em que o movimento foi um dos responsáveis pela politização das questões privadas, ao questionar as relações de poder existentes no convívio entre homens e mulheres, na família, na vida privada e na esfera pública em geral (ARRUDA, 2000, p.113).

A mobilização gerada pelo programa deu origem ao Fórum de Mulheres do Distrito Federal e contribuiu para a construção da primeira Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher e do Conselho dos Direitos da Mulher, também na unidade federativa. O programa tornou-se referência quando se falava em questões de igualdade de gênero. Contudo, apesar de sua repercussão, o programa foi retirado do ar em 1990, durante o governo de Fernando Collor de Melo, e Mara foi demitida da Rádio Nacional, resultado das ações previstas nas reformas administrativas propostas pelo então presidente.

A justificativa era de que aquela linha de mobilização não interessava à modernidade pela qual passava o país e de que 80% das reivindicações das mulheres haviam sido atendidas na Constituição. Em protesto contra a decisão de Collor, as mulheres latinas elegeram o dia 14 de setembro, data da estreia do programa, como Dia da Imagem da Mulher nos Meios de Comunicação (SILVA, 2015, p.10).

O programa Viva Maria voltou ao ar apenas em 1994 pela Rádio Nacional, após Mara ter lhe dado continuidade pela Rádio Capital por um período de dois anos.

Atualmente, 37 anos depois de sua estreia, o programa continua no ar pelas rádios Nacional da Amazônia, Nacional de Brasília, Nacional do Rio de Janeiro e Nacional do Alto dos Solimões, além de ser disponibilizado no site da Radioagência Nacional.

4. As resistências e os desafios de hoje

A realidade que a mulher jornalista enfrenta em seu ambiente de trabalho ainda é muito conturbada e discriminatória. Segundo a recente pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI) e pela Revista Gênero e Número, com jornalistas mulheres atuantes em redações de 271 veículos diferentes; 83,6% das entrevistadas afirmam já ter sofrido algum tipo de violência psicológica dentro das redações. Nesta mesma pesquisa, foi levantado que uma em cada dez profissionais já receberam, no exercício do trabalho, propostas ou demandas por favores sexuais em troca de algum benefício profissional ou material (ABRAJI, 2017). Estes dados evidenciam os retrocessos quanto à equidade de gênero no campo profissional do jornalismo e na sociedade em geral.

Devido a situações como essas, existem grupos que lutam em prol da igualdade dentro e fora das redações. A Associação Mundial de Rádios Comunitárias - AMARC, por exemplo, é um dos grupos responsáveis por realizar ações que tentam atenuar as disparidades entre homens e mulheres nos meios radiofônicos. Segundo a pesquisadora, professora e radialista Maria Inês Amarante, que integra a Rede de Mulheres da AMARC, a entidade atua no Brasil desde 1995 e conta atualmente com 51 associadas locais, entre emissoras comunitárias, produtoras de rádio, redes e pessoas físicas.

Um dos projetos criados pela AMARC é o Programa de Gênero, que visa promover a discussão das rádios comunitárias com perspectiva de gênero, apoiando o trabalho das mulheres principalmente por meio da formação e da troca de informações e experiências entre radialistas associadas. Entre as ações de maior destaque desenvolvidas pelo programa, estão o Encontro da Rede de Mulheres da AMARC Brasil por ocasião da I Conferência Nacional de Comunicação; a produção de um programa ao vivo sobre questões de gênero apresentado na AMARC 10 – 10ª Assembleia Mundial da AMARC; e a produção conjunta do programa Lilás para a Rádio Cúpula durante a Cúpula dos Povos, um evento que ocorreu em 2012, paralelo ao Rio+20, Conferência organizada

pelas Nações Unidas, que visava discutir as causas da crise socioambiental, apresentar soluções práticas e fortalecer movimentos sociais no Brasil e no Mundo.

Existem áreas do jornalismo, incluindo a radiofônica, onde a preponderância masculina ainda é mais elevada, como no âmbito dos esportes e do jornalismo esportivo. A editoria esportiva continua sendo um espaço reservado aos homens. No caso da Rede Globo, por exemplo, de acordo com as pesquisadoras Juliana Ramos e Ana Baumworcel, dos 21 jornalistas que fazem parte da equipe, apenas uma é mulher. Camila Carelli, que entrou como estagiária em 2010, hoje trabalha como repórter e setorista do time Vasco da Gama.

No início do estágio, Camila Carelli chegou a ser questionada pelos jornalistas quando dizia gostar de futebol e querer fazer parte da editoria esportiva. Sentiu olhares de desconfiança e percebeu que precisava provar o tempo todo que era capaz de falar de assuntos considerados masculinos (RAMOS; BAUMWORCEL, 2016, p.12).

Portanto, as mulheres resistem e persistem no intuito de criar novos espaços de atuação no jornalismo e fortalecer os territórios que já conseguiram conquistar nessa luta. Elas seguem investindo cada vez mais em capacitação, por serem desafiadas constantemente a provarem sua competência, e continuam empreendendo diferentes iniciativas para apontar o que ainda precisa ser melhorado e propor caminhos de busca da igualdade de oportunidades entre os gêneros nos diferentes âmbitos sociais.

5. As Recatadas

O período em que se está na universidade é o momento mais propício para explorar diversas formas de expressão, dentro e fora das salas de aula, sejam elas manifestadas no modo de vestir, no engajamento em movimentos políticos ou artísticos, isto é, na construção da mensagem que se deseja passar para o mundo. Quando se está neste universo, muitas portas são abertas a partir do acesso a diferentes referências, o que favorece a criação de espaços para discutir e refletir sobre questões que, mais tarde, no cotidiano do mercado de trabalho, podem não dispor do mesmo tempo e diversidade de influências para serem pensadas.

Nesse sentido, o momento foi propício para a criação do programa radiofônico As Recatadas. O programa foi construído no segundo semestre de 2017 pela turma de

estudantes da segunda fase do curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, e tinha por objetivo debater questões relativas à mulher e ao mundo onde ela está inserida, trazendo reflexões sobre as desigualdades de gênero que persistem na sociedade, bem como as realizações e as conquistas das mulheres ao longo da história.

A ideia de fazer um programa dentro desta temática se deu devido ao fato de que a turma que o dirigiu era composta apenas por mulheres, que se dispuseram a compartilhar seus pontos de vista em relação a todas as questões referentes à mulher, para que assim fosse possível pontuar as problemáticas abordadas durante as seis edições do programa, através de diversos olhares e pensamentos.

O programa começou dentro da disciplina de Laboratório de Áudio e Radiojornalismo, sob a orientação da professora Leslie Chaves. A disciplina busca aprimorar as competências dos graduandos para desempenhar atividades do campo do Jornalismo no rádio. Durante as aulas os estudantes foram estimulados a ampliar e experimentar conhecimentos teóricos e práticos do trabalho com áudio e radiojornalismo, por meio da concepção, planejamento, produção e veiculação de programas de rádio, interação com a audiência e estudo de linhas e grades de programação de emissoras. O material produzido nas aulas foi veiculado, ao vivo e gravado, pela Rádio Ponto UFSC, a webemissora laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC, coordenado pela professora Valci Zucoloto.

As edições do programa As Recatadas iam ao ar ao vivo e também eram gravadas e postadas no banco de áudio administrado pelos bolsistas do projeto de extensão. Posteriormente o material era divulgado em duas páginas no Facebook: a página da própria Rádio Ponto, também administrada pelos bolsistas, e a página d'As Recatadas, criada pela equipe de estudantes que concebeu o programa. Esta página foi atualizada regularmente ao longo do semestre, com cerca de três a quatro postagens por semana, gerando um total, ao fim do semestre, de 678 curtidas e 683 seguidores. Todo o conteúdo da página, como postagens sobre as locutoras da semana, *teasers* sobre as próximas edições, gravações ao vivo dos bastidores e divulgação de entrevistados especiais, assim como a edição do material de arte, fotos de perfil, capa e imagens das postagens também foram elaboradas pelas estudantes.

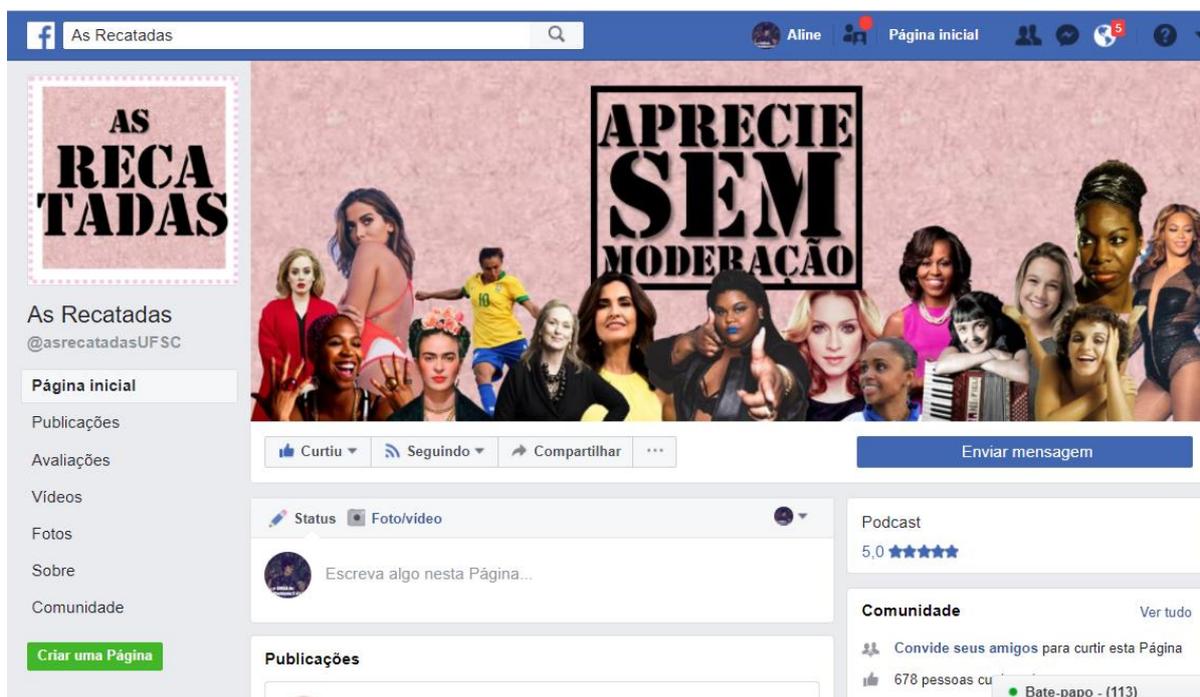


Figura 1: Página Inicial do programa As Recatadas no Facebook

Cada edição do programa abordou uma temática diferente, todas envolvendo a questão da mulher na sociedade. Para a estruturação do programa, foram realizadas reuniões de pautas quinzenais para se pensar na temática da semana posterior. O programa era dividido em dois blocos, sendo o primeiro inteiramente sobre o tema escolhido, e o segundo distribuído em quatro quadros: “Olha Ela”, um quadro biográfico sobre mulheres importantes que se destacaram ao longo da história e na atualidade; “Ai, Quebrei a Unha”, que envolvia a participação feminina nos esportes; “Tic Nervoso”, um quadro de 60 segundos sobre fatos curiosos sobre a mulher, suas ações e sua presença na sociedade; e “Maria Vai com as Outras”, uma radiodramatização sobre situações constrangedoras ou de discriminação pelas quais muitas mulheres já passaram.

Durante a execução d’As Recatadas, foi possível abordar em um mesmo espaço, diferentes assuntos como a saúde da mulher, a realidade da mulher com deficiência, estereótipos de gênero, a sexualidade feminina, entre diversas outras questões relativas à temática. E sua realização foi ainda mais relevante na medida que não é comum se ter um espaço reservado para esse tipo de discussão plural dentro das emissoras de rádio, mesmo tratando-se de assuntos que continuam precisando ser muito explorados e debatidos na sociedade.

Dentre as edições realizadas, destaca-se a primeira, realizada no dia 28 de agosto de 2017, que apresentou o programa, descrevendo seu funcionamento e seus quadros. Nesta edição, foi explicado o nome do programa, que foi escolhido devido à polêmica gerada em torno da matéria lançada pela Revista Veja em abril de 2016. A matéria, com o título “Bela, Recatada e do Lar”⁴, fazia referência à primeira-dama Marcela Temer, e dava destaque aos seus vestidos na altura nos joelhos e seus hábitos reservados. Percebia-se na reportagem, uma clara valorização dos hábitos tradicionais e patriarcais e consequentemente, reforçava as estruturas machistas da sociedade brasileira.

Outra edição marcante de As Recatadas foi a que abordou a questão do espaço da mulher com deficiência na sociedade. O tema foi trazido em homenagem ao Dia Nacional de Luta da Pessoa com Deficiência, comemorado no dia 21 de setembro. Naquela edição, conversamos com Thaís Becker, estudante de direito na UFSC. Thaís é cadeirante desde 2015 devido a um acidente de carro, que a deixou tetraplégica. No programa, foram abordadas questões relativas à sua superação e ganho de independência, como também são desmistificadas questões referentes à sexualidade da mulher com deficiência.

Dentro do ambiente jornalístico, e mais especificamente no radiofônico, ainda é escassa a abordagem de assuntos referentes à desigualdade de gênero. No entanto, devido a longa trajetória dos movimentos pela equidade de gênero, entre suas muitas conquistas, vem sendo construído um terreno fértil para que as discussões sobre esse tema que tem conquistado mais espaço na sociedade nas últimas décadas. Com o advento da internet e expansão de suas potencialidades comunicativas, esses debates estão mais constantes, porém esse é ainda um fenômeno recente.

Juntamente a este contexto, não é possível ignorar que dentro das empresas jornalísticas, onde se inserem as organizações do campo do radiojornalismo, o assédio e a desigualdade estrutural de gênero continuam fortemente presentes. Ainda segundo a pesquisa realizada pela ABRAJI e pela Revista Gênero e Número, 92,3% das jornalistas entrevistadas afirmam já ter ouvido piadas machistas no seu ambiente de trabalho. Nesta mesma pesquisa, 64% das entrevistadas declaram que já sofreram abuso de poder ou autoridade de chefes e fontes (ABRAJI, 2017).

⁴ Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”. Texto assinado por Juliana Linhares, publicado na revista Veja de 18-04-2016. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em 17-04-2018.

É inegável que, em um mundo onde mulheres, no simples exercício de sua profissão, ainda estão sujeitas a piadas de cunho machista, diferentes formas de assédios, desigualdades salariais e de oportunidades, a ampliação de espaços para a discussão e reflexão sobre esses problemas continue sendo de extrema importância na luta pela promoção de um ambiente de trabalho que não discrimine uma pessoa em função de seu gênero.

Deve-se ressaltar, contudo, que apesar de ainda haver muitos passos a serem dados nesta jornada, a presença feminina no universo do jornalismo de um modo geral tem crescido nas últimas décadas, e hoje, conforme a pesquisa mencionada anteriormente, 49,5% dos postos de editor-chefe são ocupados por mulheres (ABRAJI, 2017). Esse dado contribui para mostrar o quanto a mulher está apta a exercer seu trabalho de forma igualitária ao homem em termos de precisão e qualidade, mas é necessário que, em se tratando também do trabalho jornalístico, o acesso às oportunidades seja igualitário, tanto no rádio como em qualquer outro meio de comunicação.

6. Reflexões finais

A criação de *As Recatadas* e a discussão gerada pelo programa só foram possíveis graças ao espaço da universidade como oportunidade para a reflexão sobre questões de gênero e igualdade, e para experimentação de diferentes modos de dar forma a esses debates no campo jornalístico.

O uso do rádio para a veiculação do programa trouxe às *Recatadas* a simbologia do uso da voz feminina como difusora de informação, fortalecendo o impacto das abordagens propostas e dando voz às estudantes de jornalismo da UFSC, incluindo também outras tantas que não participaram diretamente da elaboração do programa.

Do ponto de vista das estudantes de jornalismo envolvidas no processo de concepção deste produto, é possível depreender que a experiência proporcionada pelas *Recatadas* gerou transformações nas perspectivas que as graduandas tinham sobre o tema; com potencialidades que podem continuar repercutindo ao longo da vida acadêmica e, talvez, profissional das integrantes desse grupo. Entre tais compreensões, salienta-se o modo multifacetado que *As Recatadas* procuraram trabalhar as questões de gênero. Olhando a partir de pontos de vista diversos para o mesmo assunto, ao longo do processo de produção do programa ficou evidente que, apesar de se tratar de uma luta mais ampla

em defesa da igualdade entre os gêneros; existem recortes de classe, renda, identidade, raça, entre outros, os quais devem ser levados em consideração em uma cobertura jornalística, para que este debate seja o mais integral possível e procure contemplar as complexidades em jogo.

REFERÊNCIAS

ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo; GÊNERO E NÚMERO. **Mulheres no Jornalismo Brasileiro**. 2017. Disponível em: <<http://mulheresnojornalismo.org.br/>>. Acesso em: 15 abril 2018.

AMARANTE, M. I. Vidas, vozes e palavras da mulher no rádio: sim elas podem. **Revista ALTEJOR** – Grupo de Estudos ALTEJOR: Jornalismo Popular e Alternativo (ECA-USP), São Paulo, v. 01, ano 02, edição 03, p. 1-15, Janeiro-Junho de 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88226/91104>>. Acesso em: 15 abril 2018.

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. **Revista Textos de História**, Brasília, Vol. 8, nº 1/2, 2000. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/viewFile/5906/4883>>. Acesso em: 15 abril 2018.

COSTA, R.; SILVEIRA, C.; MADEIRA, M. Z. Relações de Gênero e Poder: Tecendo Caminhos para a Desconstrução da Subordinação Feminina. In: 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Nov. 2012, João Pessoa. **Anais eletrônicos**. João pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/56/196>>. Acesso em: 15 abril 2018.

MIRANDA, A; MIRANDA, C. “**Cantoras do Rádio**”. Por BABO, L.; BARRO, J.; RIBEIRO, A. São Paulo: Gravadora Odeon, 1936.

RAMOS, J; BAUMWORCEL, A. Tem batom no microfone: A presença feminina no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: IV ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA – ALCAR SUDESTE, Ago, 2016, Niterói. **Anais eletrônicos**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2016. Disponível em: <<https://www.historiadamidiaudeste.com/uploads/8/0/3/0/80305748/ms08.pdf>> Acesso em: 15 abril 2018.

SILVA, E. R. Gênero e Feminismo no Rádio: O Programa Viva Maria da Rádio Nacional. In: X ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA – ALCAR, Jun, 2015. **Anais eletrônicos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-sonora-1/genero-e-feminismo-no-radio-o-programa-viva-maria-da-radio-nacional/at_download/file>. Acesso em: 15 abril 2018.

VELOSO, A. M. O Fenômeno Rádio Mulher: A Voz Feminina Ecoando na Mata Sul de Pernambuco. **Revista Memória em Movimento**, Recife, vol. 02, p. 5-17, 2008. Disponível em:

<<https://www.ufpe.br/documents/770016/770199/o-fenomeno-radio-mulher-a-voz-feminina-ecoando-na-mata-sul-de-pernambuco.pdf/5ce70919-c902-4170-a9c7-b66c0423509f>>. Acesso em: 15 abril 2018.

ZUCULOTO, V. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Ed.Insular, 2012.